

**SUBSÍDIOS EPISTEMOLÓGICOS PARA PENSAR A TEMÁTICA DO
EMPOWERMENT E DA CIDADANIA DAS MULHERES**
María Zambrano e Paul Ricoeur

Fernanda Henriques

Resumo O presente trabalho procura, por um lado, configurar um conceito de racionalidade que sirva a investigação feminista e o trabalho de *empowerment* das mulheres e, por outro, exemplificar, através do pensamento de María Zambrano e de Paul Ricoeur, dois modos de abordagem racional da realidade cujo objectivo é a busca de inclusão de novos objectos epistemológicos e de alargamento dos esquemas de compreensão do mundo e que, por isso, podem ser instrumentos ao serviço da pesquisa feminista.

Palavras-chave Razão, metáfora, conceito, conflito de interpretações.

Quien habla aunque sea de las apariencias, no es del todo esclavo;
quien habla, aunque sea de la mas abigarrada multiplicidad, ya ha alcanzado
alguna unidad, pues que embebido en el puro pismo, prendido a lo que cambia
y fluye, no acertaria a decir nada, aunque este decir sea un cantar.
María Zambrano (1987)

(...) mais penser, au sens le plus large, c'est l'acte fondamental de l'existence
humaine et cet acte est la rupture d'une harmonie aveugle, la fin d'un rêve.
Paul Ricoeur (1950)

Formulação da questão: da crítica da razão à crise da razão

A articulação entre políticas de *empowerment* e a constituição de uma figura da cidadania que inclua as mulheres no âmbito de uma dinâmica equivalente de deveres e de direitos, no meu entender, supõe uma epistemologia da racionalidade que possibilite como um recurso de discernimento e intervenção quer no plano teórico restrito, no sentido da constituição de uma produção científica ligada à complexidade da realidade, quer no campo mais alargado da compreensão da vida e do viver, no quadro da definição de novos modos de ser e de habitar que tornem sustentável as interacções humanas e a ocupação do cosmos.

Por epistemologia da racionalidade entendo a definição de um paradigma

que atenda ao poder da razão como recurso da constituição do saber e da configuração de modos de viver.

Numa nota ao prefácio da 1.^a edição da *KrV*,¹ Kant dizia que o seu século era “o século da crítica”, ou seja, o século onde a razão, soberana, se reconhecia a si mesma a capacidade de se submeter a um livre e público exame, a um tribunal, que instaurasse, claramente, um quadro do seu funcionamento, relevando os seus poderes.

O Iluminismo representava, assim, o *Kairos* da crítica da razão, o seu momento por antonomásia e, por isso, revelava a sua imensa confiança na razão, uma vez que supunha a sua competência e a sua capacidade para apreciar e decidir sobre a validade ou não validade dos processos racionais. Isto é, a crítica ao poder e aos limites da razão, que o racionalismo iluminista promove, configura a razão como um instrumento operatório poderoso e eficaz para compreender o real e nele originar modos produtivos de viver, o que poderia levar a pensar que, como consequência, a racionalidade passaria a usufruir de um estatuto de prestígio e de poder. Tal não foi, porém, o caso. A herança da crítica da razão foi uma razão em crise, posta em questão por todas as hermenêuticas da suspeita² — desde as clássicas de Marx, de Nietzsche e de Freud às feministas — que evidenciam, cada uma à sua maneira, os logros de uma crença na comensurabilidade directa entre racionalidade e realidade, bem como na transparência total e no valor absoluto da linguagem racional.

Esta crise da razão, como potência fundadora do saber e do agir, assume a sua expressão mais acabada na figura do que é comum designar-se por pensamento pós-moderno que, numa expressão sintética de Jean-François Lyotard (1979; 1987), significa, basicamente, a descrença em relação à possibilidade de constituição de metanarrativas ou narrativas legitimadoras. O mesmo é dizer que, para a perspectiva pós-moderna, a racionalidade perdeu o poder de crítica e de emancipação que as Luzes lhe haviam reconhecido, questionando, no mesmo gesto, os conceitos clássicos de verdade e de transformação ou progresso da humanidade, cuja compreensão fica condenada a mover-se numa *errância* contínua em que cada suposto novo é, no fundo, apenas a repetição da mesmidade do sistema.

Para Gianni Vattimo, defensor da fecundidade do pensar pós-moderno, uma das suas características fundamentais é ser um pensamento de *fruição* (1987); tal como a interpreto, esta fruição vai ocupar o lugar que, tradicionalmente, era ocupado pelo poder discriminador e transformador dos processos racionais, sendo ela própria tomada como possuindo um efeito emancipador.

Por estas razões, algumas pensadoras feministas posicionam-se criticamente em relação ao mau serviço que a racionalidade pós-moderna, ligada à fragmentação do poder da razão, pode prestar à investigação feminista. Estão neste caso, por exemplo, Cristina Petit (1992) e Janet Wesselius (1998). A primeira ataca fortemente a onda pós-moderna que, no seu entender, embora recorra a metáforas do foro do, historicamente, feminino — ou talvez por isso mesmo — desarma as investigações feministas do recurso racional capaz de desmontar as raízes da discriminação e da subalternização a que as mulheres ainda hoje estão sujeitas. A segunda defende que, apesar das posições pós-modernas e das consequências delas advenientes no que respeita ao problema da identidade e da natureza humana, a teoria feminista

não pode abandonar todo o tipo de categorização sobre as mulheres, sob pena de perder a eficácia social e política.³

Que fazer, então?

Uma coisa parece ser clara: a razão toda poderosa não serviu, grandemente, nem a causa das mulheres, nem a do cosmos. Pelo contrário, numa lógica totalizadora, calculista e segregadora, classificou e explorou, excluindo dos quadros canónicos e do direito de cidadania epistémica tudo o que não se adequava à sua força unificadora.⁴

Daí que, no meu entender, haja que fazer uma análise exploratória mais fina dos sentidos que podem ser extraídos de uma razão em crise ou de uma razão débil, de maneira a que se possa configurar um conceito de racionalidade que, por um lado, rememore o poder discriminador da razão moderna e, por outro, se abra a novas formas de entendimento e compreensão da realidade (Casado Aparício, 1999, 1999a; Henriques, 2001).

Neste contexto, proponho-me apresentar dois modelos de pensar a racionalidade filosófica, o de María Zambrano e o de Paul Ricoeur, que, na minha perspectiva, podem ser interpretados como articulando as funções esclarecedora e unificadora da razão e a capacidade ontológica da linguagem com a abertura à concretude e à diversidade da imaginação, no sentido de darem corpo a uma racionalidade integradora e prospectiva, capaz, por isso, de ser um instrumento eficaz na construção do saber e na orientação do agir.

Trata-se de dois autores muito diferentes em amplos aspectos do trabalho filosófico, nomeadamente, na forma como textualizam as suas obras, mas que, contudo, estão ligados por algumas convicções de fundo e pelo compromisso social que assumem. Tanto María Zambrano como Paul Ricoeur estiveram, (Ricoeur ainda está), profundamente empenhados na construção e defesa de uma sociedade democrática, atitude que valeu à primeira ter vivido a maior parte da sua vida adulta exilada da Espanha franquista. Por outro lado, quer a filósofa espanhola quer o filósofo francês depositam uma profunda confiança ontológica na realidade e na capacidade da linguagem para a referenciar, posição que determina, em cada um, a formulação de um projecto de fazer avançar a filosofia através do diálogo com o não filosófico, especialmente com o literário. No caso de María Zambrano, tal projecto é subsumido pelo conceito de *razão poética*; em Paul Ricoeur, o seu desenvolvimento é feito no horizonte da ideia de *Conflito de Interpretações*.

María Zambrano e a razão poética

María Zambrano (1904-1991) não alinhou em nenhuma corrente feminista. Contudo, algumas figuras femininas ligadas ao imaginário da tradição ocidental, como é o caso de Antígona, Diotima de Mantinea ou Eloísa, ocupam a sua reflexão, servindo de recurso para importantes categorizações filosóficas (Bonilla, 1991). Por outro lado, é uma pensadora moderna e não pós-moderna, embora haja algumas investigações que procuram traçar paralelismos em Zambrano e Heidegger (Sevilla, 1998) e até ver na sua *razão poética* uma possibilidade de se transformar num utensílio teórico, ao gosto do pós-modernismo (Maillard, 1998).

Não obstante ser uma pensadora da modernidade, María Zambrano procurou configurar uma racionalidade, cujo desenvolvimento atendessem a uma atitude de escuta e de abertura, respeitadora da multiplicidade e da complexidade da realidade.

Num texto de 1937, *A reforma do entendimento* (Zambrano, 1992), Zambrano diz duas coisas que me parecem fundamentais para o que quero realçar:

- 1 que uma crítica do entendimento “deveria incluir uma consciência de tudo o que não é do domínio do entendimento, ou, pelo menos, uma consciência da sua existência (1992: 88) — [caso do irracional ou do não ser].
- 2 que tem de se descobrir um uso das razões que acompanhe a consciência da relatividade (Zambrano, 1992: 94) [relativismo positivo].

São estas, entre outras, preocupações que a levam à caracterização da *razão poética*.⁵ A *razão poética* originar-se-á do espírito da poesia, com o seu quê de Dionisíaco — ligada ao êxtase, à entrega do deslumbramento — é uma *razão de amor*, aparecendo caracterizada por três traços fundamentais: *amor, gratuidade e recomposição*.

Amor às origens, remetendo para o desenvolvimento de uma atitude intelectual perante a realidade que a respeite na sua imensa complexidade e, por isso, mais a escute e a acolha do que a dissequie por análise.

Gratuidade ou *descentração de si*, isto é, definição do exercício intelectual como uma prática de liberdade e não como imposição de esquemas ou uma exploração cega dos recursos do real.

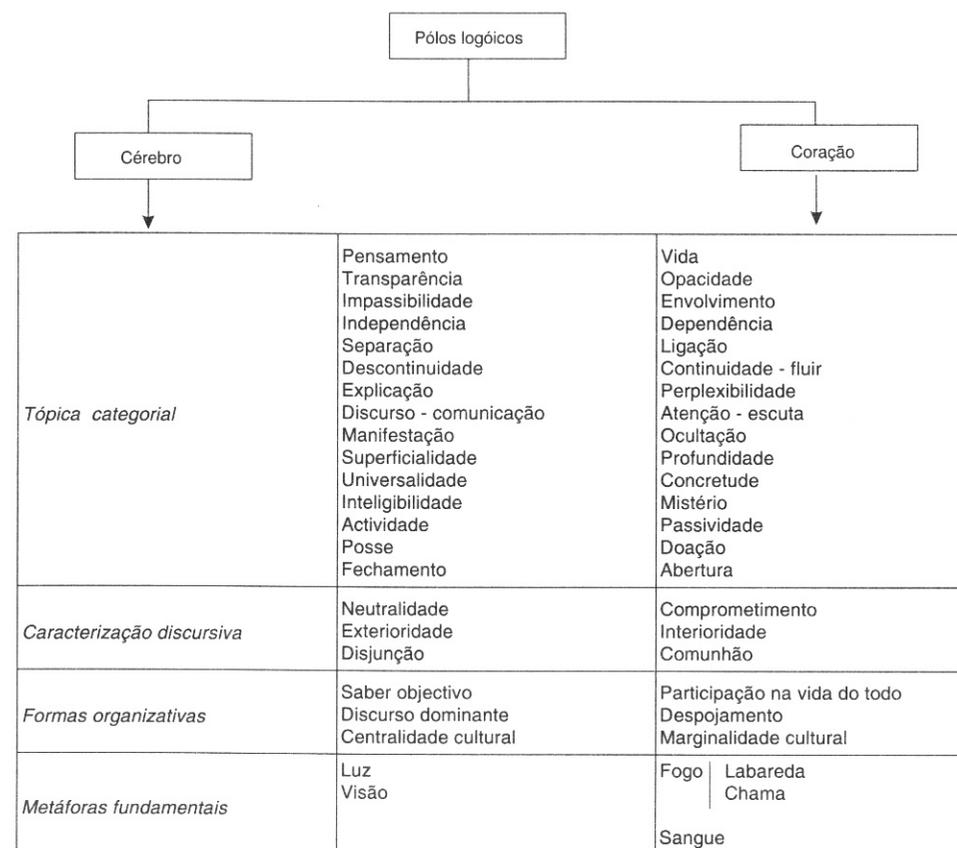
Recomposição ou *trabalho de reconstrução do que se separou ou se rompeu*, apontando directamente para a ideia de que pensar é um trabalho de recuperação e de tece-lagem, no sentido da busca de um horizonte de unidade perdido.⁶

O que orientava a busca de María Zambrano era a constituição de um saber *salvador*, ou seja, um saber que, por um lado, transformasse e, por outro, mantivesse a integridade da realidade. Obviamente que o termo *salvação* está cheio de carga de sagrado, mas, metaforicamente, vale a pena pensar nele.

De um certo ponto de vista, a defesa de uma *razão poética* prende-se com o reconhecimento de duas lógicas possíveis na relação e compreensão da realidade: uma lógica excludente, redutora e unificadora que aspira à clareza e uma outra integradora, comprometida e orientada para a profundidade. Esta ideia aparece

subjacente ao texto *La Metáfora del Corazón*, podendo esquematizar-se do seguinte modo (Henriques, 2001a: 626):

Quadro 1 A Metáfora do Coração e as duas vias lógicas de aproximação à realidade



Zambrano diz que em diferentes momentos da sua vida esteve para desistir da Filosofia em virtude da sua inflexibilidade racional, quase poderíamos dizer, da sua vontade de poder; só se manteve dentro dela porque conseguiu discernir que era possível trabalhar em filosofia num espaço teórico a que ela chama *La Penumbra Tocada de Alegria* (Zambrano, 1993: 10). A *Razão Poética* corresponde ao instrumento epistemológico desse espaço de penumbra racional:

Aquilo que vejo claro é que vale mais condescender perante a impossibilidade, que andar errante, perdido, nos infernos da luz. Julgue-me, pois, o eventual leitor a partir

deste ângulo: preferi a obscuridade, que em tempos passados descobri como penumbra salvadora, que andar errante, só, perdido, nos infernos da luz. (Zambrano, 1987: 11)

Toda a concepção de *razão poética* releva da *escuta* como atitude epistemológica fundamental; nesse contexto, penso que muito da metodologia das histórias de vida se dimensiona e pode explorar esta perspectiva filosófica e enriquecer-se com ela.

Paul Ricoeur e o Conflito de Interpretações

Muitas leituras de Paul Ricoeur, nomeadamente a minha, tendem a considerar Paul Ricoeur um pensador de encruzilhada entre a modernidade e a pós-modernidade. Na verdade, do meu ponto de vista, todo o labor de Paul Ricoeur está ancorado numa perspectiva que confere à razão um poder criterial importante, ao mesmo tempo que busca configurar uma racionalidade que preste atenção à existência na multiplicidade das suas manifestações e na sua profundidade misteriosa; assim, o seu trabalho filosófico procura dialectizar a herança racional da modernidade com a da pós-modernidade.

A racionalidade de que Paul Ricoeur quer instituir a figura encontra o seu processo metodológico efectivo na ideia de *Conflito de Interpretações*.

Paul Ricoeur foi um dos introdutores da fenomenologia em França e a fenomenologia é a matriz metodológica em que se enraíza toda a sua actividade. Contudo, desde a sua primeira grande obra filosófica de 1950, *Le Volontaire et l'Involontaire*, que miscigenizou a fenomenologia, praticando uma análise que, sendo embora de raiz fenomenológica, já pressagiava aquilo que na sua obra sobre Freud, de 1965, chamou *Conflito de Interpretações*.

O que o leva a uma miscigenização do método fenomenológico em *Le Volontaire et l'Involontaire* é o facto de não querer tratar a subjectividade enquanto pura interioridade, mas preocupar-se com o corpo, com a existência corporal. Isto leva-o a confrontar a análise fenomenológica, transcendental, com os dados provenientes das ciências empíricas, através de uma estratégia metodológica a que chamou *diagnóstico* e que pré-figura aquilo a que virá a chamar *Conflito de Interpretações*.

Dez anos depois, Paul Ricoeur inicia a sua metodologia hermenêutica a propósito da problemática do mal. A questão do mal sob todas as suas formas — sofrimento, injustiça, violência — é central no pensamento ricoeuriano, podendo-se dizer que, de um certo ponto de vista, toda a sua filosofia pode ser interpretada como a defesa da palavra, da argumentação, contra a violência, como uma das figuras do mal.

É a questão do mal que põe a nu a limitação da razão para penetrar no sentido da realidade. O mal é o que não tem explicação; não é possível dissolver a questão do mal numa explicação total, sob pena de agressão às vítimas: o mal é o que permanece sempre inexplicável. O mal é um escândalo (Ricoeur, 1988). É neste horizonte que Ricoeur coloca a figura do *Conflito de Interpretações* como sendo a

alternativa de uma razão limitada que, por isso, é incapaz de um *saber absoluto*, ao gosto hegeliano. É no contexto do seu diálogo com Freud, (Ricoeur, 1965), que Ricoeur instaura o *Conflito de Interpretações* como a imagem de marca da sua hermenêutica e uma das determinações da sua especificidade. Esta figura epistemológica da racionalidade hermenêutica de Ricoeur postula que o conceito de interpretação é o modo de ser próprio de uma racionalidade finita que se constitui e organiza no seio de uma linguagem, que se expressa em formas muito diversificadas e algumas mesmo contraditórias entre si. A ideia de *Conflito de Interpretações* responde à questão da unidade da linguagem, ou seja, quer encontrar um caminho de orientação no interior da diversidade dos discursos humanos sobre o real, significando a negação de duas posições extremas:

- por um lado, nega que seja possível um saber totalmente unificado sobre a realidade; isto é, afirma indirectamente que o *saber absoluto*, como total transparência da razão a si própria, como clarificação absoluta, é inacessível à razão humana e impróprio da natureza abismal da realidade, realçando que a afirmação de uma verdade una e unificadora é sempre manifestação do poder e não do saber.
- por outro, nega a incomensurabilidade entre os saberes, defendendo, por oposição, que os saberes podem dialogar entre si porque emergem todos no interior da mesma linguagem humana e para o fazerem apenas têm de se reconhecer como pontos de vista, como interpretações constituídas a partir de supostos próprios ou mesmo de estruturas axiomáticas específicas.

Contudo, a ideia de *Conflito de Interpretações* tem, fundamentalmente, um desígnio positivo, sendo alimentada por uma profunda vontade de sentido e querendo pôr em evidência as capacidades positivas da racionalidade. Por essa razão, a sua força determinadora é representada pela ideia de que os saberes podem dialogar entre si e devem fazê-lo se querem obter uma perspectiva mais profunda e mais rica sobre a realidade. De facto, ao estabelecer o *Conflito de Interpretações* como a última fronteira da racionalidade, põe a nu que toda a interpretação é recorrente e que só no confronto e na exploração do choque das interpretações rivais se pode superar a parcialidade de cada hermenêutica particular. Nesta medida, o *Conflito de Interpretações* aponta para o imenso poder da razão — o poder de clarificar, de dialogar e de argumentar —, especificando que, quando a racionalidade aceita os seus limites e arrisca aprofundar o saber através da exploração das interpretações rivais da realidade, pode construir novos saberes e novas perspectivas de viver e de ser.

Assim sendo, para Paul Ricoeur a racionalidade é, pois, concebida como uma dinâmica dialéctica resultante da interacção entre perspectivas rivais e, por isso, para ele, a filosofia embora seja um saber autónomo tem as suas raízes fora de si — é a poesia, a metáfora, que é originária e não o conceito. O último estudo da sua obra *Métaphore Vive* (Ricoeur, 1975) é dedicado a mostrar, simultaneamente, a autonomia conceptual da filosofia e a sua dependência do discurso metafórico de que, em última análise, se alimenta. Diz ele:

(...) o discurso especulativo tem a sua possibilidade no dinamismo semântico da enunciação metafórica. (Ricoeur, 1975: 325)

A ideia básica que sustenta a sua posição é a de que a obra literária, encenando configurações possíveis de modos de ser e de habitar o mundo, rompe com uma ligação imediata, pragmatizada, estreita, com a realidade empírica e como que a transfigura, criando novas formas de relação com ela. Ricoeur chama a esta função do literário *redescoberta* da realidade para evidenciar que é da realidade que as ficções tratam, mas de uma realidade que não é a que, usualmente, temos à mão e sim algo que fica num horizonte de possibilidade de vir a ser construído.

Pôr em confronto fecundo o conceito e a metáfora é, então, desenvolver uma actividade racional que alia a dimensão analítica e universalizante da razão clássica com a força singularizadora e prospectiva da imaginação, que Ricoeur define como o que orienta a *investigação do possível*, sendo esta investigação do possível que alimenta todo o seu trabalho.

Conclusão

Qualquer destas perspectivas se pode constituir como recurso racional para a teorização feminista. A de María Zambrano, valorizando o compromisso e o envolvimento na realidade pesquisada, legitima a hipótese de um trabalho que dê figura à diversidade e à complexidade da situação das mulheres, devolvendo-lhes a possibilidade de dizerem as palavras que as expliquem, mesmo que isso gere opacidade e penumbra. A de Paul Ricoeur, por um lado, por mostrar a insuficiência constitutiva de cada interpretação, deixando claro que só a convergência de perspectivas opostas pode descrever os fenómenos sociais, e, por outro, por defender que o conceito precisa de se alimentar das metáforas porque são elas que fornecem os quadros de possibilidade onde o trabalho conceptual bebe o conteúdo que o alimenta, abrindo a porta para novas formas de dar visibilidade a problemáticas que a quantificação ou a abstracção conceptual excluem.

Uma e outro estão na linha das palavras de Boaventura Sousa Santos, na sua *Crítica da Razão Indolente* (Sousa Santos, 2000), quando defende que nenhum existente empírico esgota as possibilidades do real:

Por teoria crítica entendo toda a teoria que não reduz a "realidade" ao que existe. A realidade, qualquer que seja o modo como é concebida, é considerada pela teoria crítica como um campo de possibilidades e a tarefa da teoria consiste precisamente em definir e avaliar a natureza e o âmbito das alternativas ao que está empiricamente dado. A análise crítica do que existe assenta no pressuposto de que a existência não esgota as possibilidades da existência e que, portanto há, alternativas susceptíveis de superar o que é criticável no que existe. (Sousa Santos, 2000: 23)

Referências bibliográficas

- Bonilla, Alcira B. (1991), "Razón poética y genero: arquetipos femeninos", *Philosophica Malacitana*, IV, 49-64.
- Casado Aparicio, Elena (1999), "Cyborgs, nómadas, meztizaz... Astucias metafóricas de la praxis feminista", em Gabriel Gatti Iñaki Martínez de Albeniz (org.), *Las Astucias de la Identidad*, Bilbao, Univ. del País Vasco, 41-59.
- Casado Aparicio, Elena (1999a), "A vueltas con el sujeto del feminismo", *Política y Sociedad*, 30, 73-91.
- Henriques, Fernanda (2001), "Da possível fecundidade da racionalidade de Paul Ricoeur para o pensamento feminista", em Maria Luisa R. Ferreira (org.), *Pensar no Feminino*, Lisboa, Colibri, 289-295.
- Henriques, Fernanda (2001a), "María Zambrano e as metáforas do coração", em AA.VV., *Poiética do Mundo*, Lisboa, Edições Colibri, 621-631.
- Maillard, Chantal (1998), "La reforma del entendimiento. Hacia una superación de la razón poética", em Teresa Rocha Barco (org.), *María Zambrano: la Razón Poética o la Filosofía*, Madrid, Tecnos, 173-183.
- Petit, Cristina M. (1992), "Lo femenino como metáfora en la racionalidad postmoderna y su (escasa) utilidad para a teoría feminista", *Isegoria*, 5, 129-143.
- Ricoeur, Paul (1950), *Le Volontaire et l'Involontaire*, Paris, Aubier-Montaigne.
- Ricoeur, Paul (1965), *De l'interprétation. Essai sur Freud*, Paris, Éditions du Seuil.
- Ricoeur, Paul (1975), *La Métaphore Vive*, Paris, Éditions du Seuil.
- Ricoeur, Paul (1988), "Le scandale du mal", *Esprit*, 140-141, 57-63.
- Sevilla, Sérgio (1998), "La razón poética: mirada, melodía y metáfora. María Zambrano y la Hermenéutica", em Teresa Rocha Barco (org.), *María Zambrano: la Razón Poética o la Filosofía*, Madrid, Tecnos, 87-108.
- Sousa Santos, Boaventura (2000), *A Crítica da Razão Indolente. Contra o Desperdício da Experiência*, Porto, Afrontamento.
- Wesselius, Janet Catherina (1998), "Gender identity without gender prescriptions: Dealing with essentialism and constructionism in feminist politics", *Symposium*, II, 2.
- Vattimo, Gianni (1987), *O Fim da Modernidade*, Lisboa, Presença.
- Zambrano, María (1987), *Filosofía y Poesía*, Madrid, FCE.
- Zambrano, María (1992), *Sentiers*, Paris, Antoinette Fouque.
- Zambrano, María (1993), *Hacia un Saber Sobre el Alma*, Madrid, Alianza Tres.

Notas

- 1 KANT, *KrV*, A XI. o conjunto da nota diz o seguinte: "De vez em quando, ouvem-se queixas acerca da superficialidade do modo de pensar da nossa época e sobre a decadência da ciência rigorosa. Pois eu não vejo que as ciências, cujo fundamento está bem

assente, como a matemática, a física, etc., mereçam, no mínimo que seja, uma censura. Pelo contrário, mantêm a antiga reputação de bem fundamentadas e ultrapassam-na mesmo nos últimos tempos. Esse mesmo espírito mostrar-se-ia também eficaz nas demais espécies de conhecimentos, se houvesse o cuidado prévio de rectificar os princípios dessas ciências. À falta desta rectificação, a indiferença, a dúvida e, finalmente, a crítica severa são outras provas de um modo de pensar rigoroso. A nossa época é a época da crítica, à qual tudo tem que submeter-se. *A religião*, pela sua *santidade* e a *legislação* pela sua *majestade*, querem igualmente subrair-se a ela. Mas então suscitam contra elas justificadas suspeitas e não podem aspirar ao sincero respeito, que a razão só concede a quem pode sustentar o seu livre e público exame." Tradução portuguesa de Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Morujão, Lisboa, FCG, 1997, p. 5. Sobre este tema ver Fichant, Michel (1999), "L'idée critique et l'histoire de la raison. Les lumières et la réflexion", *Revue de Métaphysique et de Morale*, 4, 525-537.

- 2 Paul Ricoeur defende esta ideia em: Ricoeur (1965), *De l'interprétation, essai sur Freud*, Paris, Éditions du Seuil, embora restringindo a sua análise a Marx, Freud e Nietzsche, para chamar a atenção de que o que é abalado por essas hermenêuticas é a correlação directa entre racionalidade-objectividade —verdade, fazendo aparecer a questão da *ilusão* como estando de si mesma inscrita no processo de funcionamento da razão.
- 3 A este respeito é também de relevar a posição reiterada de Celia Amorós, segundo cuja posição o feminismo decorre de uma lógica propiciada pela racionalidade moderna, pelo que todas as posições que instaurem uma ruptura total com ela dificilmente poderão ser compatíveis com o feminismo. Cf., por exemplo, Amorós (1997), *Tiempo de feminismo. Sobre feminismo, proyecto ilustrado y postmodernidad*, Madrid: Ediciones Cátedra.
- 4 Este é o caso denunciado pela posição heideggeriana. Cf., especialmente, Heidegger "O tempo da imagem do Mundo", Trad. de Alexandre F. de Sá, em *Caminhos de Floresta*, Irene Borges-Duarte (org.)(2002), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 95-138.
- 5 María Zambrano afirma que embora *Hacia un saber sobre el alma* (1934) seja já expressão da razão poética, ela só aparecerá determinada num artigo — comentário a António Machado, de 1937.
- 6 Remeto aqui directamente para as epígrafes deste trabalho, nomeadamente, para a da própria María Zambrano.

Fernanda Henriques é Professora Auxiliar na Universidade de Évora, onde lecciona disciplinas da Licenciatura em Filosofia. Foi membro do Grupo Europeu para a Igualdade de Oportunidades entre as raparigas e os rapazes em educação. É actualmente vice-presidente da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, pertencendo ao Conselho de Redacção da Revista *Ex Aequo*, revista da referida Associação, desde o seu primeiro número, em 1999. Coordenou e/ou participou em Projectos nacionais e internacionais ligados aos Estudos sobre as Mulheres e à Filosofia. Tem publicações a nível nacional e internacional, no âmbito dos Estudos sobre as Mulheres e da Filosofia.